

Vida*

Laura Fernandes

REPORTAGEM

laura.fernandes@redebahia.com.br

“A mulher chegou!”. Era assim que o mestre de obras e sua equipe se referiam a Lina Bo Bardi (1914–1992) durante o processo de construção do Museu de Arte de São Paulo (Masp), projetado por ela em 1947. O corre-corre preocupado dá uma pista de quem foi a arquiteta italiana que o Secretário Especial de Cultura Mario Frías afirmou desconhecer: um dos principais nomes do modernismo brasileiro.

O episódio é relatado na biografia Lina Bo Bardi: o que Eu Queria Era Ter História (456 páginas | R\$ 89,90), lançada pela Companhia das Letras. Premiada com um Leão de Ouro póstumo durante a 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, no dia último dia 20, Lina se consolidou como uma importante expoente da arquitetura do século XX e é isso o que o livro do arquiteto e designer paulista Zeuler R. Lima apresenta.

Fruto de 20 anos de pesquisa em arquivos, documentos deixados por Lina e entrevistas com a família, a obra de quase 500 páginas faz um passeio pela vida da arquiteta. Sua marca está no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), no Sesc Pompeia, no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), na Fundação Gregório de Mattos, na Casa do Benin e no Espaço Coaty – os quatro últimos em Salvador, onde ela teve uma importante passagem.

“Procurei trazer a voz dela para o texto e dar uma legitimidade com fatos, procurando deixar o mito Lina Bo Bardi de lado e verificar historicamente como aconteceu tudo isso”, explica Zeuler, em entrevista ao CORREIO. Lina, resume o autor, foi “uma pessoa de uma vida muito rica, de uma obra muito rica”, resume.

GENIOSA

Com uma série de fotografias e desenhos autorais, a biografia traça um perfil da arquiteta nascida Achillina di Enrico Bo, Roma. O apelido afetoso de Lina contrasta com seu temperamento pouco amistoso, recluso e mordaz descrito no livro. Inventiva na infância, e “de certa forma enimesmada”, virou uma adulta audaciosa, “imaginativa, independente, engenhosa, sombria, provocadora e retaliativa”, define Zeuler.

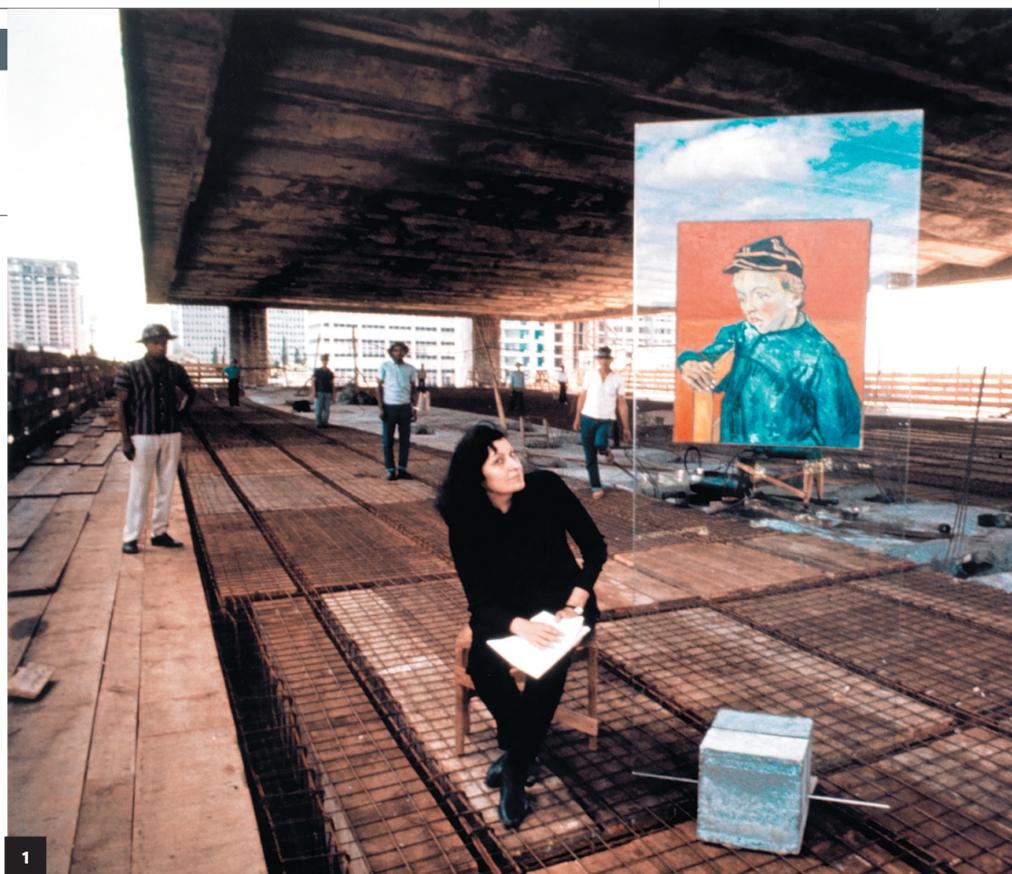
Geniosa, a arquiteta fez escola no Brasil e se destacou em um mundo dominado por homens. Decidida a não ter filhos desde os seis anos, nunca mudou de ideia. “É uma responsabilidade terrível”, afirmou em entrevista resgatada pelo autor. Nascida em uma cultura patriarcal onde as mulheres eram submissas, Lina tinha motivos, segundo ele, para se sentir “socialmente alienada”.

Principalmente quando percebeu que suas ambições divergiam do papel feminino tradicional. O fascismo italiano reduziu a imagem da mulher a seus interesses políticos, explica o autor, reforçando e politizando “o modelo dominante e ambíguamente moderno da mulher-mãe, vangloriada como caseira, forte e produtiva, em contraposição à mulher autônoma, repudiada como urbana, decadente e estéril”.

Formada na Itália fascista de Mussolini (1883–1945), no início da Segunda Guerra Mundial, Lina deixou o país “quando nada era construído, só destruído”, como bem define um dos capítulos do livro. A biografia destaca, ainda, que sua educação em Roma forneceu uma base sólida em história da arquitetura e representação arquitetônica que marcaram o desenvolvimento de sua carreira no Brasil.

PURGATÓRIO

Diante do impasse vivido no pós-guerra pelo crítico, jornalista e negociante de arte Pietro Maria Bardi, com quem foi casada até o fim da vida, Lina embarcou para o Brasil. Ambos queriam se afastar do “purgatório público” enfrentado por ele na Itália: enquanto os



Engenhosa, independente e provocadora

Biografia mostra a importância da arquiteta Lina Bo Bardi, premiada com o Leão de Ouro póstumo na Bienal de Arquitetura de Veneza

burocratas com inclinações fascistas não o toleravam, os intelectuais e arquitetos antifascistas não o perdoavam por suas alianças com o regime, nos anos 1930.

A biografia detalha que os pais de Lina foram contra a filha viajar para fora do país com um homem casado. Para solucionar a questão, Pietro anulou seu casamento – deixando sua mulher e duas filhas – para casar-se com Achillina que, aos 31 anos, tornou-se a Signora Lina Bo Bardi. De navio, deixou a Itália no outono de 1946 e com

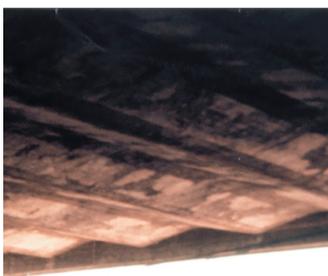
notas, fotografias e aquarelas, algumas expostas no livro, documentou sua jornada.

Após duas semanas de travessia oceânica, no dia 12 de outubro de 1946 Lina e o marido atracaram no porto de Recife, então centro cultural e político do Nordeste. Após seguir para o Rio de Janeiro, o casal conheceu o poderoso jornalista Assis Chateaubriand (1892–1968) que revelou aos dois sua intenção de construir um museu de arte que “contribuísse para o avanço da arte moderna no Brasil”.

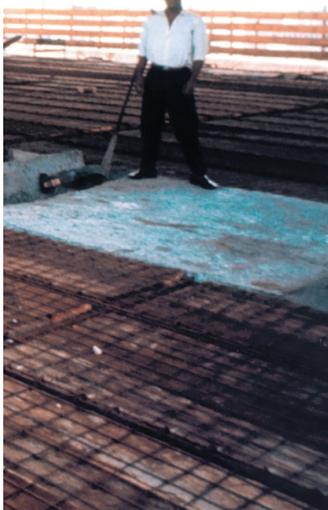
Pietro aceitou a proposta de criar e dirigir o museu – o Masp – e, contrariada, Lina se mudou para a capital paulista com ele. Já acostumada com o Rio, encontrou uma cidade cheia de imigrantes italianos com “todo o ranço que havia em Roma”, narra o autor.

‘ARQUITETA TOTAL’

Nos primeiros anos após a abertura do Masp foi que sua carreira começou a florescer. Entre as marcas que deixou pelo Brasil, está a Casa de Vidro,



1 **Lina Bo Bardi** durante a construção da Casa de Vidro, no Morumbi, residência dela e de Pietro M. Bardi por 40 anos FOTO DE LEW PARRELLA/INSTITUTO BARDI/DIVULGAÇÃO
 2 O arquiteto paulista Zeuler R. Lima é autor da biografia FOTO DIVULGAÇÃO 3 e 4 **Em Salvador**, Lina deixou sua marca em projetos com um forte diálogo entre arquitetura e cultura, como o Coaty na Ladeira da Misericórdia e a Casa do Benin FOTO CSM/DIVULGAÇÃO



FICHA

Livro Lina Bo Bardi: o que eu queria era ter história

Autor Zeuler R. Lima

Editora Companhia das Letras

Preço R\$ 89,90 (456 páginas)



Salvador deu voz e autonomia a Lina Bo Bardi

Depois de uma experiência pedagógica em São Paulo, Lina chegou em Salvador em 1958, pela primeira vez, para apresentar três palestras na Universidade Federal da Bahia (Ufba). Aqui, onde mais tarde ajudaria a criar o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), foi recebida pelo então diretor dos Diários Associados de Chateaubriand em Salvador, Odorico Tavares, e pelo arquiteto Diógenes Rebouças.

“Pela primeira vez, ela começava a articular publicamente sua própria voz. E ficou inebriada com a recepção, como nunca tivera em São Paulo e tampouco, a bem da verdade, na vida”, destaca Zeuler, na biografia. Este foi o primeiro passo para uma “profunda mudança” que a arquiteta viveria na capital baiana. Suas perspectivas profissionais em São Paulo estavam complicadas, assim como a vida a dois.

O autor explica que, mais uma vez, Lina se viu diante da encruzilhada que “a convidava a sair da sombra de sua experiência na Itália – da sombra do marido, inclusive – e entrar em seus próprios domínios”. Professora de teoria da arquitetura que substituiu Diógenes na Ufba, a convite dele, Lina floresceu em Salvador e ganhou autonomia. Ao longo de mais de 60 páginas, o autor detalha sua passagem transformadora pela cidade.

Lina encontrou aqui um caráter fortemente histórico e uma cultura carregada de “joias arquitetônicas barrocas e de traços africanos profundos”, destaca Zeuler. Após quatro visitas e finalmente uma longa permanência até 1964, a arquiteta experimentou a vitalidade, a liberdade e uma espécie de exílio doméstico que proporcionaram uma transformação pessoal e profissional.

CATALISADORA

O artista e professor Mario Cravo Jr. (1923–2018), o cineasta Glauber Rocha (1939–1981) e o diretor da Escola de Teatro da Ufba, Eros Martim Gonçalves (1919–1973), foram importantes para Lina. Ao ajudar Martim a organizar uma exposição sobre a Bahia na Bienal de Arte de São Paulo de 1959, a arquiteta viabilizou sua contratação como nova diretora do museu que seria instalado no Campo Grande: o MAM.

Na capital baiana, além de dar aulas e palestras, publicou artigos, projetou uma casa até um mausoléu na ilha privada da família Odebrecht. Aqui deixou de ser a “Signora Bardi” e ficou conhecida como “d. Lina”, compara Zeuler.

Com os projetos realizados em Salvador, Lina criou um novo paradigma de como intervir no patrimônio arquitetônico, acrescenta Nivaldo Andrade, incorporando referências regionais. Tudo isso com tecnologias contemporâneas como a da argamassa armada (desenvolvida por João Filgueiras Lima, o Lelé) e “valorizando a cultura popular local, especialmente a população afrodescendente”, explica o professor e arquiteto.

O maior exemplo dessa nova fase, cita, é a restauração do Solar do Unhão e sua transformação em Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), inaugurado em 1963. Também merece destaque o projeto piloto da Ladeira da Misericórdia, no Centro, em que Lina “recuperou o padrão tradicional de habitação nos andares superiores e comércio no térreo, em contraponto à ideia de recuperar o casarão para fins turísticos”, explica.

VEJA A LISTA DE OBRAS DE LINA PARA VISITAR NO BRASIL

Museu de Arte de São Paulo (Masp) Projetado por Lina em 1947, a pedido do jornalista Assis Chateaubriand (1892–1968). Este convidou o crítico, jornalista e negociante de arte Pietro Maria Bardi, marido de Lina, para dirigir aquele museu de arte pensado para que “contribuísse para o avanço da arte moderna no Brasil”.

Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA) Construção do século XVI, o MAM foi restaurado com projeto de Lina. Em 1963, o museu foi transferido do Teatro Castro Alves para o Solar do Unhão. O segundo piso do casarão colonial foi demolido, criando uma escada de madeira de grandes dimensões, helicoidal, feita apenas com encaixes e sem pregos – uma das marcas de Lina.

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) Projetado por Oscar Niemeyer (1907–2012) em 1954, foi reformado por Lina, em 1982

Centro Histórico de Salvador Após retornar à Bahia na segunda gestão do prefeito Mario Kértész (1986–1989), Lina elaborou um plano de recuperação do Centro Histórico de Salvador, parcialmente executado devido ao Golpe Militar de 1964. Em destaque, estão o projeto piloto da Ladeira da Misericórdia (incluindo o Espaço Coaty), no qual Lina restaurou os imóveis com painéis de argamassa armada feitos pelo arquiteto João Filgueiras Lima (1932–2014), o Lelé. Outros projetos importantes foram a Casa do Benin, o Teatro Gregório de Matos e a sede do Olodum.

A Casa de Vidro Residência transparente que Lina construiu para ela e o marido, o curador e jornalista Pietro Maria Bardi, no meio da natureza da zona sul de São Paulo. O local erguido em 1952 no Morumbi, onde o casal viveu por quatro décadas, virou ponto de encontro entre artistas e, anos depois, atração frequente dos guias turísticos.

Sesc Pompeia De forma parecida ao que propôs para o Solar do Unhão, Lina sugeriu que a estrutura do Sesc Fábrica da Pompeia já existente deveria ser limpa e mantida como um exemplo histórico de arquitetura industrial. Sua inauguração aconteceu em 1981.

onde o casal morou, construída no Morumbi ao redor de uma árvore no alto da colina, com vista para o vale do rio. No espaço onde morou por quatro décadas, o casal reuniu personalidades nacionais e internacionais e arquiteta se consolidou como uma artista plural e bem relacionada.

“A Lina Bo Bardi tinha uma profissão formal de arquitetura e, ao mesmo tempo, foi uma pessoa que navegou por universos culturais muito amplos, tanto na Itália quanto no Brasil. A formação na Itália era de uma ‘arquiteta total’, em todas as práticas que teve, mas como uma espécie de intelectual pública”, destaca Zeuler, sobre a artista que encontrou no Brasil um lugar fértil para escoar suas ideias.

Por aqui, atuou não só projetando residências, capelas, museus e outros espaços culturais, destaca o arquiteto e professor da Ufba Nivaldo Andrade, 44, mas também desenhando móveis, concebendo cenários e figurinos para teatro e cinema. Além disso, escreveu

sobre arte em jornais e revista especializada e dirigiu um dos principais museus de arte moderna do Brasil: o MAM-BA.

“Lina é um dos arquitetos ou arquitetas mais importantes do Brasil do século XX”, opina Nivaldo. “Sua obra arquitetônica e seu papel de agitadora cultural vêm sendo muito valorizados no Brasil e no exterior depois da sua morte, em 1992, transformando-a em uma referência para jovens arquitetos e arquitetas e estudantes de arquitetura”, enaltece o professor.

Sua prática ampla e humanizada da arquitetura ficou de herança. O legado é de uma arquiteta que pensou muito o dia a dia e entendeu a arquitetura como a criação “desse lugar para as pessoas viverem”, enaltece Zeuler. “Lina sempre dizia que as pessoas eram as protagonistas da arquitetura, uma visão humanizada que nos faz muito bem. Ela foi uma pessoa de grande coragem e curiosidade, são valores importantes”, conclui.